



Aaron Fischer

Carlos Sotto Mayor

Cap. 12



Aaron Fischer



CAPÍTULO 12

QUE SE INICIE

Quando Aaron acordou, o Sol ainda não havia nascido. Mas, para sua surpresa, Gent já estava pronto em sua cama, vestindo um macacão cor de cobre com detalhes pretos que lhe lembravam galhos ao longo dos braços, e o brasão da escola gravado no peito. Ele dava um ar engraçado a Gent, que roía nervosamente as unhas dos dedos enquanto tentava ler algum dos seus inúmeros livros.

Antes mesmo que Aaron conseguisse dar bom dia, Gent falou:

– Ainda bem que você acordou, quero chegar lá um pouco mais cedo... – Ele parou, procurando as palavras. – ... Quero isso que comece logo. Não estou me aguentando de ansiedade, mal dormi esta noite!

– Ansiedade ou medo?

Ele abriu um sorrisinho como se soubesse que Aaron faria aquela pergunta e falou:

– Um pouco dos dois.

Aaron fez um gesto de afirmação com a cabeça.

– E por que o macacão? – Gent olhou para baixo, como se tivesse esquecido que estava vestindo aquilo:

– Eles deixaram na porta hoje mais cedo, você ainda estava dormindo. Disseram que é para facilitar a identificação dos alunos em caso de qualquer ataque ou acidente.

Aaron demorou um pouco para responder:

— Você acha que é por causa da história do Exército Negro?

— Acredito que não, eles sempre utilizam algo para identificar os alunos.

Aaron fez que entendia com a cabeça e falou:

— Onde está o meu?

— Naquela bolsa em cima da mesa.

Como esperado, o macacão lhe caia perfeitamente bem, feito de um tecido que ele nunca vira, confortável e maleável, que permitia que fizesse todos os movimentos com tranquilidade.

Aaron amarrou a bainha da sua machadinha ao redor da cintura a deixando do lado esquerdo, com a grossa bainha da lança em diagonal nas suas costas, apoiada no seu ombro, de modo que a lança ficasse no mesmo sentido, com a lâmina para cima, lhe permitindo livre acesso ao seu cabo com a mão direita.

Gent já prendera em suas costas a Gota, da mesma maneira que fizera na invasão à garagem do morceirão, com o acessório de metal encaixado ao seu redor como um anel. Eles ainda conversaram um pouco antes de Gent se levantar ansioso, apressando Aaron, enquanto colocava a bolsa com os quatro pedaços de tecido nas costas e partia na frente, com uma hora de antecedência.

Encontraram as garotas no caminho. Aurea estava usando uma armadura completa, feita de um metal prateado, quase platinado, com uma grande cerejeira em alto relevo na sua placa de peito.

A cerejeira estava em sua cor original, reluzindo, com seu tronco marrom brilhoso se iniciando na cintura e indo até o meio do esterno, onde se ramificava com suas flores róseas, continuando até os braços e costas. A árvore não parecia ser feita do mesmo material da armadura, mas de uma combinação de pedras preciosas que lhe davam uma beleza incomum.

Já Kvin, vestia apenas o macacão da escola com seu colar de gelo eterno para o lado de fora e o arpão preso a uma bainha de costas. Ambas tinham um semblante de bravura no rosto, como se ansiassem pelas batalhas que estavam por vir. Aurea abriu um sorriso confiante para os dois e falou em tom de desafio:

— Preparados?

Aaron devolveu o sorriso:

— A pergunta é se eles estão preparados para nós.

Kvin concordou animada, mas Gent parecia estar em outro mundo, olhando para a armadura de Aurea:

— Eu pensei que ela havia sido destruída...

Aaron ficou sem entender sobre o que ele estava falando.

— Apenas o elmo... foi possível restaurar as outras partes.

O gênio fez um leve balanço de cabeça, de uma forma até solene, e finalmente assumiu uma postura entusiasmada:

— Vamos botar para foder, então!?

Todos os acessos ao deck estavam bloqueados por alunos-oficiais

e professores, revistando todos os participantes para garantir que seguiam a regra de levavam apenas três objetos. Quando finalmente chegaram ao andar superior, havia poucos competidores presentes, reunidos em pequenos grupos, em sua maioria calados.

Exatamente no centro do lugar, estava montado um palco circular com um microfone, que até aquele momento se encontrava vazio. Aos poucos, foi começando a encher, enquanto os quatro esperavam em silêncio, no mesmo jardim de antes, olhando a Ilha de Ilymna se aproximar no horizonte. De longe, já podia se ver que possuía algo diferente, suas árvores desproporcionalmente grandes, a montanha e o farol, que mesmo àquela hora podia ser visto, aninhado no topo da ilha iluminando as pesadas nuvens que o circulavam.

Os minutos pareciam se arrastar por horas, e o deck cada vez mais lotado já se tornara barulhento e calorento, devido ao Sol que avançava em sua jornada diária. Quando Aaron já estava pensando em dar uma volta para espairecer um pouco da tensão, ele viu uma movimentação no palco, e o coordenador da prova, Lynt Fylt, apareceu vestido com uma camisa social branca, uma calça cáqui, um blazer azul marinho com o brasão da escola no bolso e um rosto sério:

— Sejam bem-vindos, competidores. Dentro de vinte minutos daremos início ao teste de admissão do Império de Taur para a Escola para Elementais de Lysmor, também conhecido como A Prova Dos Elementos. Como eu já disse, as regras são simples: ao nascer do Sol do sexto dia, os cinquenta competidores com mais moedas e os cinco que estiverem dentro do farol serão aprovados. – Os competidores começaram a se levantar e ir para perto do palco para ouvi-lo melhor – Dito isso, vamos dar prosseguimento: às seis da manhã o sino do navio irá soar e vocês terão meia hora para chegar

até a ilha e se prepararem.

— Como assim chegarem até a ilha? — Uma jovem negra e alta, de ombros largos interrompeu Lynt Fylt, que não pareceu se incomodar.

— O navio será ancorado a duzentos metros da praia e vocês terão que dar um jeito de chegarem até lá. — A garota fez um gesto de afirmação com a cabeça — Bem, como eu ia dizendo, vocês terão meia hora. E nessa meia hora é terminantemente proibido ataques a outros participantes, sob pena de desqualificação. Ao final dessa meia hora, o sino irá soar novamente, dando início definitivo à prova.

Ele olhou para o relógio prateado que tirou do bolso e voltou a olhar para sua plateia:

— Em dez minutos a primeira badalada soará, daí então, só nos veremos em cinco dias!

Aaron olhou para os seus amigos. Aurea estava concentrada e confiante, Kvin tinha seu colar nas mãos fazendo uma prece e Gent fazia a sua pequena esfera de metal flutuar nervosamente em sua mão.

Aqueles dez minutos pareceram se arrastar para Aaron e seus amigos, enquanto olhavam para Ilymna, agora mais perto e ainda mais imponente, com seu grandioso farol despontando no cume da ilha-montanha e suas imensas árvores e animais poderosos, além dos seus perigos escondidos, que estavam prestes a testemunhar o começo do fim de uma era, fosse para a vinda de uma melhor ou de uma pior.

Finalmente, com um grito de boa sorte de Lynt Fylt, o sino ensurdecido do navio tocou e, assim que o ouviram, os competidores começaram a

se mexer. A maioria simplesmente correu e pulou por sobre a mureta do deck para o mar. No entanto, alguns saíram voando e Aaron viu até alguns poucos simplesmente desaparecerem, enquanto outros se transformavam em animais ou criaturas.

Antes que o grupo pulasse, Gent colocou a sua mão estendida no centro da roda formada por eles. Aaron e Kvin colocaram animadamente a mão por sobre a dele e depois de alguns olhares e de Gent falar:

— Vamos, você tem que aceitar, isso é legal, os jogadores de fissureball fazem isso antes dos jogos! - Aurea também pôs a mão, mas não sem um sorriso que dizia “não acredito que eu estou fazendo isso”.

Aaron foi o primeiro a pular, seguido por Gent. A correnteza era forte, a água fria e a quantidade de pessoas nadando atrapalhava. Aaron já estava se virando para ajudar seu amigo quando viu Kvin e Aurea, em pé ao seu lado, rindo dos dois. Ele ficou sem entender por um momento, até perceber que a garota do norte congelara a água sob seus pés, permitindo que andassem sem problemas.

De perto, Aaron pôde ver o tamanho das sequoias da ilha. As mais baixas deviam ter oitenta metros e faziam as árvores de outras espécies parecerem de brinquedo. Já as mais altas passavam dos cento e vinte, com seus troncos grossos como casas. Muitos dos competidores tiravam um momento para olhar para as árvores antes de entrarem correndo na mata, mas Aurea não pareceu dar nem sequer uma segunda olhada para elas chamando a atenção dos outros que ainda assistiam impressionados:

— Vamos! - O seu grito trouxe seus amigos de volta à realidade, inclusive Aaron, que bateu uma palma para despertar e falou:

— Primeiro, o mais importante: achamos um bom local para passar a noite, depois vamos atrás de comida e só então vamos atrás de moedas!

Gent estava com os olhos arregalados, vendo os vários competidores passarem correndo por eles, mas se virou para o amigo e falou:

— Eu andei dando uma olhada no mapa da ilha novamente e acho que sei um lugar, não muito longe daqui. Isso é, se eu estiver certo sobre onde nós estamos.

— É melhor do que procurar às cegas. Vamos logo, daqui a pouco isso vai virar uma verdadeira guerra! – Aurea parecia ansiosa para sair dali o quanto antes!

— Sigam-me! - Gent se virou e começou a correr ao longo da praia, margeando a floresta, diferindo do que maioria absoluta dos participantes estava fazendo, e o resto do grupo o seguiu.

Gent os guiou no seu ritmo, que era mais lento do que os outros estavam acostumados, e após cerca de vinte minutos caminhando ao longo da praia, ele finalmente tomou a direção da floresta, reduzindo ainda mais a velocidade devido a vegetação e a possibilidade de encontrarem animais selvagens.

O grupo ainda caminhava apressado quando ouviram a segunda badalada do navio soar, dando início definitivo à prova. Mesmo àquela distância, o som ainda era alto o suficiente para fazer todas as aves voarem assustadas de seus galhos.

Eles olharam na direção de onde o som vinha e depois para Gent, que falou:

– Estamos perto, mais alguns minutos e estaremos lá.

Os outros assentiram com a cabeça.

– Olhos mais abertos agora! - Aaron chamou atenção do grupo.

Continuaram em um ritmo ainda menos acelerado mas, como Gent prometera, em poucos minutos estavam em uma pequena elevação solitária, longe de qualquer sequoia gigante e de onde se podia ver uma grande clareira em forma de meia lua, que praticamente contornava o pequeno monte inteiro, dando um boa visão de qualquer um que estivesse tentando chegar até eles. Gent se virou para o grupo e falou:

– É aqui.

Seus amigos olharam ao redor analisando o lugar e Aurea foi a primeira a falar:

– Com certeza não vamos conseguir achar um lugar melhor que esse.

Kvin assentiu com a cabeça antes de falar:

– Tem razão, a clareira nos dá uma visão quase perfeita de qualquer um queira entrar no nosso “perímetro”.

– Então vamos montar nosso acampamento. Esperem aqui um pouco. - Aaron tirou o tecido das Indústrias Storegeni de onde estava preso no seu cinto e começou a olhar ao redor a procura de uma árvore, que escondesse bem a sua copa, mas permitisse que eles se movimentassem.

Quando ele finalmente escolheu uma, pulou em direção ao galho mais baixo e com facilidade se agarrou a ele, puxando seu corpo

para cima e ficando em pé. De lá saiu saltando até achar um bom lugar para amarrar seu tecido de modo a fazer uma rede esticada e ainda sobrar algum espaço para os outros.

Aaron desceu até onde estavam seus amigos:

— Achei um bom lugar para amarrar as redes. Vocês acham que conseguem escalar aquela árvore sem problemas? – Aaron apontou para a árvore em que subira, de cerca de trinta metros de altura em seu topo, seus galhos começando muito antes disso.

Todos deram uma resposta afirmativa, então ele falou:

— Vamos fazer o seguinte: eu subo e amarro todos os tecidos e depois vocês sobem, assim já vai ficar mais tranquilo de transitar lá em cima. E eu vou ter espaço para cortar os galhos que eu precisar. – Mais uma vez todos concordaram e Aaron voltou a subir.

Enquanto seus amigos ficavam atentos a qualquer movimentação lá embaixo, Aaron trabalhava o mais rápido que podia para arrumar tudo. Prendeu três dos tecidos de modo que ficassem juntos, praticamente a continuação um do outro e o quarto ele amarrou mais afastado, para Kvin poder dormir e ficar de guarda a noite, sem congelar os outros.

Quando finalmente acabou, chamou a atenção de seus amigos silenciosamente e todos subiram até o acampamento. As garotas conseguiram escalar a árvore sem grandes problemas. Os galhos eram grossos e a sua força aumentada de elemental ajudava. Quando não tinham apoio, Kvin criava um com seu poder mas, para sua surpresa, o primeiro a chegar foi Gent, que flutuou com a ajuda do seu poder sobre a Gota agarrada às suas costas.

Quando todos chegaram, arrumaram suas coisas rapidamente e se sentaram em uma roda para definir qual seria o próximo passo e Kvin foi a primeira a falar:

– Aparentemente conseguimos concluir a primeira parte sem grandes problemas. – Ela estava tranquila como sempre. – Agora vamos para a segunda parte. Eu estava pensando em ir com Aurea até o mar tentar pescar alguns peixes. Vi arrecifes que pareciam ser promissores e pensei em um jeito muito útil de usar o poder dela para pescarmos.

Aurea olhou intrigada para ela e perguntou:

– E qual é esse jeito?

– Você pode criar um campo de força em que o peixe esteja dentro e ir diminuindo até que ele fique, literalmente, em sua mão.

Ela pensou um pouco, como se estivesse imaginando se conseguiria fazer aquilo e falou:

– É uma boa ideia. Acho que pode funcionar.

Aaron também gostara da ideia mas estava receoso:

– É uma boa ideia, mas fiquem atentas enquanto estiverem pescando, é uma atividade bem distrativa... Eu pensei em, enquanto vocês estiverem lá, eu e Gent poderíamos desenvolver algumas armadilhas para capturar animais pequenos e espalhá-las por aí, assim aproveitávamos e dávamos uma checada nos arredores. O que acham?

As garotas concordaram e Gent resolveu falar.

– Combinado. Mas lembrem que não podemos exagerar, pois não

queremos gnomos curupiras nos atacando.

Aurea e Kvin arrumaram suas coisas e saíram para pescar levando um pedaço do tecido das redes, que era impermeável, para encherem de água do mar e usarem a Gota para filtrá-la depois. Enquanto isso, Aaron e Gent preparavam armadilhas a partir dos galhos mais finos que tiravam da própria árvore em que acampavam.

Cerca de cinco horas depois, Gent havia construído quatro armadilhas e Aaron apenas uma. A armadilha era simples, feita com uma gaiola de galhos e um galho de sustentação coberto de frutas, as quais eles planejavam colher no caminho para posicionar as armadilhas. Dessa maneira, quando o animal fosse comer a fruta, derrubaria o galho e ficaria preso na gaiola.

Decidiram que cinco seria um número suficiente para começar e desceram da árvore em direção à clareira em forma de meia lua, para posicionar as armadilhas na beira da mata ao redor do descampado. No caminho, como planejado, conseguiram colher algumas frutas graças aos atentos olhos de Gent, que ia na frente, animado, indicando onde Aaron, que carregava quatro das gaiolas, deveria deixá-las.

Quando Aaron já estava armando a terceira, que estava lhe tomando um pouco mais de tempo, ouviu um curto grito de surpresa vindo da clareira, longo o suficiente apenas para ser interrompido por um baque seco. Ele olhou ao redor à procura do seu amigo, mas Gent não estava em nenhum lugar que pudesse ser visto.

— Caralho! Eu disse para ele ficar perto. — Aaron deixou a armadilha que faltava com suavidade no chão, tentando fazer o mínimo de barulho possível, andando cautelosamente, com a mão no cabo da lança, na direção do som que escutara.

Quando chegou na borda das árvores, pôde finalmente ver o que estava acontecendo: Gent estava sentado, praticamente no meio da clareira, com a boca sangrando e tentando rastejar para longe de um garoto moreno, com o cabelo preto e liso, preso em um coque.

O garoto tinha braços claramente fortes com movimentos firmes, apesar do corpo esguio, e usava um soco inglês metálico e gasto em cada mão. Ele perseguia Gent calmamente e ainda não parecia ter percebido a presença de Aaron.

Para não perder a chance de um ataque surpresa, nem arriscar que o Gent sofresse mais ferimentos, Aaron atacou, mesmo sabendo que aquilo poderia ser uma armadilha, a adrenalina da batalha lhe invadindo, enquanto ele tentava refrear um pouco daquele impulso inebriante. Ele não queria arriscar perder o controle ali. Usando a sua velocidade para ir da borda da floresta até seu adversário em poucos instantes, ele o golpeou, tirando a sua lança da bainha com a empunhadura invertida em um ataque reto e potente, unindo sua força e velocidade ao peso da arma.

Aaron já estava com um sorriso no rosto, no entanto, quando a sua arma chegou à distância de um palmo do corpo do seu adversário, uma gosma cinzenta deixou a pele do garoto pelos poros de seus pelos, e se solidificou, criando uma barreira em poucos milésimos de segundo.

O escudo nojento não conseguiu parar o ataque, que o destruiu com sua força bruta, mas o retardou o suficiente para que o garoto conseguisse esquivar. Virando-se para Aaron assustado, enquanto se afastava, com um olhar que ele não sabia ser de surpresa pelo ataque ou de medo pela força do golpe:

– Você é a primeira pessoa da minha idade a conseguir fazer algo assim. – O jovem não falou mais nada e partiu para cima dele, desferindo socos impressionantemente rápidos, dos quais mesmo Aaron mal conseguia desviar. Pela sua movimentação de pernas e os murros precisos e rápidos, Aaron percebeu que o estilo de luta do seu adversário era baseado numa arte marcial antiga, chamada boxe.

O garoto o estava fazendo recuar com uma sequência devastadora de golpes. Aaron sabia que se não fizesse algo, em algum momento o seu adversário iria acertá-lo. Então, aproveitou um breve momento de hesitação do garoto das soqueiras e desferiu um murro com a mão esquerda, mirando o seu rosto. A gosma surgiu para bloquear o seu ataque mais uma vez, no entanto, aquilo bastou para Aaron inverter o momento da luta, partindo para ofensiva, desferindo ataques a uma velocidade alucinante, só para serem parados pelo escudo de gosma, que continuava a incansavelmente proteger o garoto.

Apesar de seus golpes parecerem inúteis, ele estava usando aquele tempo para analisar a movimentação e o poder do seu adversário, sua cabeça funcionando praticamente no automático.

Aaron já percebera que o garoto usava a gosma apenas para se defender e que a sua confiança em seu poder era total, já que não fazia qualquer menção de usar seu corpo para se defender. Ele nem sequer piscava diante da enxurrada de golpes desferidos por Aaron. Então, se conseguisse arrumar um jeito de furar aquele bloqueio a luta estava ganha, mas aí é que estava a parte difícil. Ele deu um último golpe com sua lança e recuou alguns metros com um pulo.

O garoto abriu um sorriso confiante por trás das mãos em posição de guarda e falou:

– Não há nada que você possa fazer para me derrotar.

Aaron usou o momento para olhar para Gent, que ainda estava semiconsciente no chão.

– Eu não teria tanta certeza assim, estou só começando! – Aaron voltou para a ofensiva, pulando para desferir um ataque de cima para baixo com toda sua força. No meio do movimento, ele escutou folhas na borda da clareira se movendo, mas já era tarde demais. Um pedaço afiado de osso, com mais ou menos dez centímetros de comprimento, o atingiu com força na perna, entrando até a sua metade e o desequilibrando. O garoto das soqueiras aproveitou o momento para se esquivar do ataque mal executado e acertá-lo com força no rosto, mandando-o para longe.

Aaron se levantou um pouco tonto, com o nariz sangrando. Olhou para o osso encravado na sua perna e o arrancou, o soltando no chão:

– Como eu disse, estou apenas começando – aquilo doera, mas, pelo menos, ele descobrira um jeito de furar o escudo de gosma do seu adversário. Mas antes tinha que se livrar de quem quer que tivesse arremessado aquele osso.

– Então é melhor começar logo, porque eu nunca fui derrotado em um combate corpo a corpo.

Aaron sacou a sua machadinha na mão esquerda e partiu novamente para o ataque, atento a qualquer movimentação nas árvores. Ele aumentou ainda mais a velocidade dos golpes, atacando por todos os lados e misturando estilos. Mesmo assim a gosma acompanhava seus movimentos, o impedindo de atingir seu alvo.

Aquilo tudo era para manter o boxeador ocupado e esperar mais um

ataque do seu aliado atirador de ossos. Aaron conseguiu perceber o barulho das folhas a tempo, dessa vez, vindo do seu lado esquerdo, e já se virou arremessando a machadinha com força.

Ele não teve tempo para conferir se havia acertado o alvo, pois a quantidade de ossos vindos em sua direção, agora, era muito maior. Aaron pulou em um movimento giratório, deixando seu corpo praticamente horizontal ao chão, conseguindo desviar de todos os projéteis, menos um, que lhe atingiu de raspão na barriga. Quando pisou no chão novamente, pôde ouvir o som abafado da machadinha atingindo carne e o grito de dor de alguém, enquanto caía quebrando os galhos das árvores. Ele não esperou o garoto da gosma reagir, e mesmo com a dor causada pelo corte na barriga, voltou a ofensiva.

O garoto parecia furioso e olhava ensandecido para ele, que continuava a desferir golpes inúteis. Os únicos que conseguiam passar pela barreira eram os golpes de lança, mas acabavam sendo retardados pelos impactos contra gosma, permitindo que seu adversário desviasse com facilidade. Em um desses ataques, Aaron deixou uma abertura proposital na sua guarda, afinal estava na hora de acabar com aquilo.

O boxeador caiu na armadilha, e soltou um murro rápido contra sua cabeça, já esperado por Aaron, que usou toda sua agilidade para contra atacar com a mão esquerda, o atingindo no rosto na mesma hora em que a soqueira do adversário quebrava seu nariz.

O murro de Aaron mandou o garoto meio voando meio embolando até atingir uma árvore na beirada da clareira, desacordado. Já Aaron saiu catando o chão para não cair, mas acabou metendo o seu nariz quebrado na areia, ainda zozzo.

PRIMEIRAS MOEDAS

Aaron se virou e ficou deitado, olhando para o céu por um instante, enquanto pontos de luz piscavam em sua visão. Ele se levantou resmungando e foi cambaleando até Gent, que já estava mais recuperado:

– Levante-se logo, nós temos que pegar as moedas que eles tiverem e dar o fora daqui! – Aaron ajudou seu amigo a levantar e os dois foram até a árvore onde o garoto da gosma jazia desacordado.

Ele pegou o cilindro da cintura do seu adversário derrotado e começou a tirar as moedas, falando com um sorriso satisfeito no rosto:

– Você tem um queixo muito fraco para um boxeador, não aguentou nem um soco... – Ele parou, limpando o sangue do seu nariz que continuava a escorrer. – Nunca havia sido derrotado porque seus adversários eram burros demais para perceber que a sua gosma não te protege quando você está atacando! – Ele terminou de tirar as moedas, que contou serem cinco, e jogou o cilindro de volta.

Aaron energizou a rocha em sua pulseira, fazendo sua machadinha voltar voando em sua direção, revelando o local onde o atirador de ossos caíra ao ser atingido por seu ataque.

– Nós precisamos cuidar dos seus ferimentos. – Gent olhava preocupado para o sangue que escorria da perna do seu companheiro.

– Vamos cuidar quando estivermos no acampamento, agora se concentra porque já faz algum tempo que eu o derrubei, e ele pode

estar de pé novamente.

Para o alívio dos dois, eles acharam o atirador de osso desacordado no chão. O garoto era magro, com o cabelo cortado rente a cabeça e a pele escura com desenhos de aparência tribal feitos com uma tinta branca. A machadinha de Aaron o atingira no ombro esquerdo, quase atravessando-o. Além desse, ele ainda possuía vários outros ferimentos causados pela queda. Aaron fez um exame rápido no garoto, e averiguou que ele não corria perigo de vida iminente, pelo menos não aparentemente.

Os dois colocaram as moedas que conseguiram em seus cilindros e partiram de volta para o acampamento, levando a última armadilha que haviam construído consigo. Quando chegaram ao acampamento, as garotas ainda não haviam voltado, o que os deixou em estado de alerta, pois em poucas horas o Sol iria se pôr e a ilha se tornaria ainda mais perigosa.

Gent começou a fazer os curativos em Aaron enquanto os dois esperavam ansiosamente por qualquer sinal de Kvin ou Aurea.

— Para sua sorte, os ferimentos foram superficiais, apesar de feios, mas temos que tomar cuidado para não inflamar. Eu já limpei, mas acho melhor esperarmos por Aurea. Agora, quanto ao seu nariz, eu não tenho o que fazer.

— O meu nariz eu resolvo, só estou juntando coragem para fazê-lo.

— E com...

Aaron pegou seu nariz e o colocou no lugar com um chiado de dor, interrompendo Gent no meio da sua fala.

– Não sabia que você tinha conhecimentos médicos. – Gent falou um pouco surpreso.

– Meu pai me ensinou isso e mais algumas coisas. Eu estou começando a ficar preocupado de verdade com elas. – Aaron fez pouco caso daquilo, afinal colocar seu nariz de volta no lugar era algo recorrente nos treinos de Jonas. E ele realmente estava começando a se preocupar com elas.

– Vamos esperar mais meia hora. – Gent falou sério e com certeza em sua voz.

Aurea e Kvin chegaram ao acampamento quinze minutos depois, carregando três peixes, o pedaço de tecido cheio de água e algumas plantas.

Gent ajudou as duas a descarregar as coisas e Aurea foi até Aaron ver os seus ferimentos. Ela fez um exame mais detalhado, mas chegou a mesma conclusão:

– Você deu sorte, as lesões são bestas e eu achei algumas plantas para fazer um antisséptico para você.

No tempo em que ela preparava uma pasta usando algumas das plantas que trouxera, Kvin e Aaron tratavam dos peixes. Gent filtrou a água com a Gota e já estava usando seu acessório metálico em forma de esfera para montar uma espécie de chapa para assar os peixes, enquanto o Sol começava a se por.

Em pouco tempo, todos haviam acabado suas tarefas e sentaram-se em um círculo ao redor da Gota, esperando a comida ficar pronta. Enquanto o jantar não estava servido, Aaron e Gent contaram o que acontecera com eles, dividindo com as garotas as moedas que

havam conseguido.

Quando a refeição foi servida, foi a vez das garotas contarem o que elas haviam feito e Kvin tomou a frente.

— Nós chegamos até a praia sem problemas. Fomos até uma área mais afastada, protegida por algumas pedras, assim ficava mais difícil de sermos vistas ou pegas de surpresa. Demorou algum tempo até Aurea pegar o jeito da coisa, mas depois de algumas horas pescando, havíamos pegado esses três peixes e já estava tarde, então começamos a arrumar nossas coisas para voltar. Mas, antes que conseguíssemos sair do mar, ouvimos o barulho de um grupo se aproximando rápido pelo outro lado da pedra e corremos para nos esconder. Primeiro, passaram dois garotos correndo e depois um grupo de quatro atrás deles. Não conseguiram chegar muito longe, um menino atarracado e com os olhos puxados fez seus braços esticarem como borracha, derrubando os dois garotos e os segurando no chão. Além do garoto de olhos puxados, o grupo era formado por um rapaz alto e forte com a pele negra e um bigode fino, uma magra com os cabelos pretos longos e os olhos também puxados, e uma ruiva esguia carregando um macaquinho vermelho com um moicano literalmente de fogo. Esta aparentava ser a líder. A ruiva chegou perto dos rostos dos dois garotos e o macaco pulou do seu ombro, fazendo a chama em cima da sua cabeça se intensificar como um maçarico a poucos centímetros dos seus olhos, e começou a gritar com eles.

— Nós não conseguimos escutar direito, mas com certeza esse grupo está cheio de moedas! – Aurea completou a história da sua amiga com um semblante travesso no rosto, esperando que alguém fizesse algum comentário, e Aaron o fez.

– Deixe-me adivinhar: vocês querem atacá-los? – Aaron perguntou, já sabendo a resposta.

– Claro que sim. Nós os seguimos, sem sermos percebidas, até o acampamento deles, por isso que demoramos tanto. Ele não fica muito longe daqui, só mais alguns quilômetros para dentro da ilha. É relativamente bem armado, mas eu consegui ver algumas falhas. Com certeza Gent poderia bolar uma estratégia.

– Você acha que a quantidade de moedas que eles têm valeria a pena? – Foi a vez de Gent falar.

– Sim, pelo que vimos e escutamos, enquanto os seguíamos as duas garotas passaram o dia caçando moedas, acho que, inclusive, não evitaram o confronto generalizado que deve ter acontecido na praia em frente ao navio. – Aurea tinha a firmeza de sempre em sua voz.

Gent fez um gesto de afirmação pensativo, e Aurea continuou.

–O que vocês acham?

– Você quem manda! – Aaron respondeu a Aurea animado, seu corpo querendo mais daquela sensação de batalha.

Gent demorou um pouco mais do que Aaron para responder, e sua resposta foi um pouco menos entusiasmada.

– A descrição que você me fez do grupo me preocupa um pouco. Pelo que descreveu, a ruiva se chama Hurty Burnt. O macaquinho que ela carrega sempre no ombro é um mico-leão-de-fogo, o que auxilia o seu poder, que é a pirocinese... – Aurea o interrompeu, parecendo impressionada:

– Como o do meu pai?!

– Não, o poder dela não é nada comparado ao do seu pai. Ela pode apenas controlar o fogo, e eu digo apenas, porque estamos comparando-a com seu pai, mas ela é bem poderosa, assim como o resto do grupo. O garoto e a garota dos olhos puxados se chamam Yuri Hatake e Jun Amata. Eles são de uma ilha no extremo oriente do império. Yuri tem o corpo feito de borracha e Jun tem o poder de absorver energia de impacto e usá-la para melhorar seus atributos físicos. E, por fim, temos o rapaz do bigode fino, que se chama Bryt Kub e tem o poder de se multiplicar.

– Isso tem seu lado ruim e seu lado bom. – Kvin parecia pensativa enquanto falava.

– Como assim? – Gent não estava acompanhando a linha de raciocínio.

– Se eles são poderosos, será difícil derrotá-los, mas podemos conseguir uma quantidade enorme de moedas, além disso, se o que você está dizendo realmente se confirmar e nós já soubermos seus poderes, aliado a um fator surpresa... isso nos colocaria em uma posição de extrema vantagem.

– Tem razão. Eu acho que é válida a tentativa! – A argumentação de Kvin fazia todo o sentido para Aaron.

– Também acho! – Aurea estava séria, mas não conseguia esconder a animação.

Só faltou Gent dar sua opinião e ele ainda parecia um pouco reticente:

– Certo, afinal estamos aqui para ganhar. Mas não vamos atacar assim de qualquer jeito. Eu vou passar a noite os observando e amanhã de

manhã eu trago uma resposta. Tudo bem? - Todos concordaram, afinal de contas era a coisa mais lógica a se fazer. - Quem de vocês pode me levar lá antes que o Sol se ponha de vez?

Aurea se ofereceu, mas ela ainda não acabara de fazer os curativos de Aaron, então o grupo decidiu que quem deveria ir era Kvin, para a felicidade de Gent.

Os dois cortaram mais um pedaço de tecido e fizeram uma espécie de mochila com suprimentos para poderem passar a noite. Gent recolheu e desmontou a Gota, devolvendo a sua forma original. Em pouco tempo, ambos estavam prontos e já desciam da árvore, ficando combinado que eles retornariam ao nascer do Sol. Caso isso não acontecesse, Aaron e Aurea deveriam sair à procura deles.

Depois que Gent e Kvin partiram, Aurea voltou a se concentrar na pasta de folhas que estava preparando e deixara para fermentar. Ela ainda passou algum tempo mexendo e adicionando algumas folhas e raízes, utilizando sempre o livro da sua mãe durante o processo, quando finalmente acabou, foi até Aaron, que estava de guarda na ponta dos tecidos.

— Está pronta. - A pasta tinha a cor de casca de árvore, com filamentos verdes em seu interior. - Eu vou precisar colocá-la fundo nos ferimentos e vai causar um certo desconforto. No começo, você não vai sentir muita dor, no entanto depois de meia hora, você vai sentir a dor que você sentiu quando o fermento foi feito, só que dobrada, e durante cerca de seis horas. Em compensação, você vai estar praticamente bom quando acordar.

Aaron olhou para ela como a cara de quem não gostou da ideia, mas não tinha outra opção:

– Vamos fazer isso logo então.

Aurea pediu para que Aaron se deitasse, tirando os curativos provisórios que fizera.

– O seu fator de cura é impressionante. Os ferimentos já estão bem melhores, talvez eu nem precise usar a pasta – Aurea tinha um tom de admiração na voz, mas ele não queria correr riscos, então pediu que ela continuasse. Aaron precisou de muita força de vontade para não gritar enquanto Aurea colocava o antisséptico natural em seus ferimentos.

– Eu fico com a primeira guarda da noite, descanse um pouco.

Ele ainda tentou argumentar, mas a garota foi irredutível.

Aaron só foi acordado do seu sono agitado quando Kvin e Gent chegaram ao acampamento, juntos com o Sol da manhã que começava a banhar a ilha com seus primeiros raios. Aparentemente, a “missão” deles correria bem, no entanto, eles pareciam exaustos por não terem dormido, assim como Aurea.

Aquilo fez Aaron se sentir um pouco inútil: passara a noite inteira dormindo, enquanto seus amigos se sacrificavam pela equipe. Ele, então, propôs que antes de Kvin e Gent contarem o que viram, todos comessem o último dos três peixes pescados, e, após a refeição, dormissem um pouco. Enquanto isso, ele ficaria de guarda e confeccionaria mais armadilhas.

Levou algum tempo até que ele conseguisse convencer todos que aquilo era o mais sensato a se fazer. Aurea ainda esperou um pouco para olhar os ferimentos dele que, como ela prometera, estavam quase cicatrizados.

— É só você evitar tomar mais pancadas fortes nesses locais que deve ficar tudo bem. Como foi a sua noite?

— Bem ruim, a dor não me deixou dormir direito. Mas você devia ter me acordado!

— Não tem problema. Você conquistou nossas primeiras moedas sozinho e merecia um descanso, além do mais, eu sei o quão ruim é a sensação que a pasta de árvore causa.

Aaron demorou um pouco para responder. Queria continuar a conversa, mas sabia que ela devia descansar:

— Obrigado, mas o que eu fiz não foi nada. Ainda estamos muito longe de conseguirmos o número de moedas que precisamos.

— Eu sei, mas isso já foi um começo, e bom!

— Espero que você esteja certa. Mas vai dormir. Depois discutimos mais sobre meus atos de heroísmo para com o grupo!

Os dois deram uma risada baixa, antes de Aurea se recolher e ele ir para a beira do tecido montar guarda.

Enquanto seus amigos dormiam, o passado veio à mente mais uma vez. Mas, dessa vez, as memórias não eram do seu velho pai, mas dos seus velhos amigos. Como será que estavam Philip e Josh, será que teriam sobrevivido? A sua mente queria lhe dizer que ele não se importava, no entanto, no fundo, talvez seu coração, talvez a escuridão que Balor falara ser inerente ao seu poder, ou talvez os dois, já que ambos estavam tão perto, que muitas vezes pareciam ser a mesma coisa, torcia para que os Philip e Josh estivessem bem, só para que ele pudesse se vingar por terem abandonado a ele e a

Sarah naquela situação.

Como sempre acontecia quando ele pensava no passado, perdeu a noção do tempo e, quando deu por si, o Sol já estava quase a pico:

— Pessoal, já está mais do que na hora de acordar, acabei perdendo a hora!

Aurea e Kvin se levantaram rapidamente, já Gent, resmungou até ficar de pé, sendo o último a sentar no círculo que seus amigos formaram para ouvir o que ocorrera na noite passada, e se ele conseguira bolar algum plano:

— E aí, o que conseguiram? – Aurea puxou o assunto entusiasmada.

— Bom, pelo que eu pude observar, o acampamento deles é relativamente bem montado, consistindo basicamente em duas cabanas de lona preta. Quando chegamos lá, já haviam cavado uma espécie de fosso ao redor das cabanas para manter animais e invasores longe, e ainda estavam começando a juntar galhos e troncos para construir uma barricada. Além disso, durante toda noite, pelo menos dois deles ficaram acordados montando guarda. Possuem praticamente um miniacampamento de guerra. – Gent deu a entender que tinha acabado de falar mas, quando Aurea e Aaron começavam a desanimar, ele continuou - ... Porém, como o gordinho aqui se garante e não quer ninguém chamando-o de frouxo, eu consegui sim ver brechas na defesa deles e desenvolvi um plano. Mas, para esse plano dar certo, nós vamos ter que ser extremamente precisos e coordenados!

Kvin abriu um sorriso animado junto com os outros dois.

— Eu já estava desanimando... mas conta, qual é esse plano?! – Aaron

amava o jeito de ser de Gent.

— Devido à quantidade de perigos existentes na ilha, os dois integrantes do grupo, que estão de guarda, nunca se distanciam mais do que vinte metros do fosso, e isso permite que nós nos aproximemos sem sermos notados. Além disso, como o fosso e a barricada formam uma proteção de 360 graus ao redor das cabanas, e a barricada irá tampar a maior parte da visão do que está atrás dela, os dois sentinelas terão inúmeros pontos cegos, e os competidores que estiverem dentro das cabanas estarão literalmente cegos para o que estiver acontecendo fora do acampamento. Ou seja, se conseguirmos tirar os dois sentinelas da jogada sem sermos notados, a vitória ficará bem próxima.

Foi a vez de Aurea falar:

— Tudo muito bom, mas como vamos fazer isso e, depois, como vamos passar dessa barricada e do fosso?

Gent explicou detalhadamente o plano que desenvolvera, explicando a cada um a sua parte, e depois o repassou mais uma vez com o grupo inteiro. Quando finalmente acabou, o Sol já havia passado do seu pico, começando a sua descida. Para finalizar, fez uma ressalva:

— O plano é bom mas um plano nunca corre cem por cento como esperado. Então, se alguma coisa der errado, estejam prontos para improvisar!

Todos gostaram do plano e estavam animados para pô-lo em prática mas ainda faltava algum tempo já que o ataque só ocorreria no meio da madrugada, hora em que, segundo Gent, o grupo adversário estaria mais sonolento e desatento.

Enquanto não chegava a hora, eles tinham muita coisa para fazer, como checar as armadilhas que haviam armado e tentar pescar novamente. Além disso, não podiam esperar conseguir todas as moedas que precisavam só com ataques programados e planejados então se dividiram em duplas novamente: Aaron e Aurea iriam pescar e tentariam conseguir moedas enquanto Gent e Kvin iriam verificar as armadilhas e também tentariam roubar algumas moedas.

Combinaram de se encontrar novamente no acampamento assim que o Sol se pusesse, o que só aconteceria mais ou menos às sete horas da noite. Isso lhes dava uma janela de cerca de quatro horas para tentarem arrumar comida e algumas moedas.

As duas duplas se despediram e, antes que partissem, Gent falou:

— Lembrem-se dos gnomos curupiras. Nada de exagerar na pescaria!

— Pode deixar!

Aaron colocou suas armas nas suas respectivas bainhas, enquanto Aurea colocava o livro da sua mãe em um tipo de mochila de couro. A sua armadura parecia se encaixar perfeitamente ao seu corpo. Ela nunca nem sequer ajustava alguma coisa.

Decidiram que primeiro fariam uma ronda em direção à praia, conferindo todo o perímetro entre o acampamento e o mar e, após conseguirem algumas moedas, tentariam a sorte na pescaria.

Depois de duas horas e meia rodando e de alguns combates não tão intensos, eles conseguiram juntar nove moedas e alguns arranhões. Os dois concordaram que era um bom número, já que estavam longe do centro da concentração de competidores, que era o lago, partindo logo em seguida para a pescaria.

Já era tarde quando os dois chegaram ao acampamento, frustrados pela pescaria infrutífera. Gent e Kvin já haviam tratado o esquilo que uma das armadilhas conseguira capturar e conversavam tranquilamente em voz baixa enquanto esperavam a comida ficar pronta. Como Aurea e Aaron não capturaram nada, aquela era toda a comida que eles teriam antes do ataque.

Todos estavam um pouco calados enquanto comiam, tensos, à espera da hora de partirem para o acampamento adversário. Para quebrar o silêncio, Aurea contou o que ela e Aaron fizeram durante o dia, sobre suas lutas e como a pescaria não dera certo.

Quando ela acabou, foi a vez de Gent e Kvin contarem o que haviam feito. Aparentemente, eles haviam entrado em algumas lutas nas quais conseguiram vencer sem muitos problemas. Ambos tinham alguns arranhões e ronchas, mas nada grave. As armadilhas só conseguiram capturar o esquilo que servira de jantar para eles.

Ao todo, conseguiram dezessete moedas naquele dia. Oito de Kvin e Gent e nove de Aurea e Aaron, o que era um bom número, já que pretendiam conseguir ainda mais com o ataque ao acampamento da garota ruiva e seu grupo.

Quando acabaram de comer, o silêncio voltou a se abater sobre eles, só sendo quebrado por Gent na hora de irem para o ataque. Pegaram o que iriam precisar e partiram.

Aurea liderava o grupo, que a seguia em fila indiana, em ritmo lento devido à escuridão feita pelas sombras das grandes árvores, que tapavam a noite enluarada. Ao chegarem a cerca de quarenta metros do acampamento inimigo o grupo parou de andar. Entreolharam-se um pouco, ansiosos. Antes que se separassem para executar suas

partes do plano, Aaron tomou a palavra.

— Lembrem-se do que Gent falou. Temos que ser rápidos e precisos!

Todos fizeram um sinal de afirmação com a cabeça e se separaram. Aaron era o primeiro a agir no plano, sendo responsável por nocautear os dois sentinelas sem que fosse percebido.

Ele andou cautelosamente em direção ao acampamento adversário, até que pôde ver por entre as folhas das árvores a clareira mencionada por seus amigos. Subiu na árvore mais alta que achou para ter noção de onde estavam os sentinelas e efetuar um ataque preciso.

Sua visibilidade era péssima, o que atrapalhava e retardava sua movimentação entre as árvores além de dificultar que ele conseguisse encontrar um dos seus adversários. Aos poucos, foi se aproximando do acampamento pulando pelos galhos, até que finalmente avistou um dos garotos do outro grupo. Do alto da árvore conseguiu reconhecer Bryt Kub, o rapaz com o poder de se multiplicar. Ele parecia estar atento enquanto caminhava em sentido horário ao redor do acampamento, mas não atento o suficiente para olhar para cima.

Aaron esperou até o momento exato e pulou do alto da árvore onde estava, aterrissando silenciosamente a poucos centímetros do rosto do Bryt, que deu um pulo assustado para trás se preparando para gritar um aviso. Mas antes que pudesse fazê-lo, o filho do Lobo deu um sorriso irônico e usou as suas duas mãos para golpear os pontos de tensão do pescoço do seu adversário, fazendo-o cair desacordado no chão. Aaron puxou o desmaiado vigia para perto das raízes de uma grande árvore, onde ficaria mais escondido de qualquer animal.

Procurou pelo cilindro com as moedas do seu adversário derrotado

por todo lado e não o encontrou, então decidiu que depois voltaria para procurar melhor. O cilindro poderia ter caído enquanto ele fazia a ronda ou algo assim.

Ele estava com medo de ter demorado demais com Bryt e o outro sentinela já estar se aproximando. Afinal, se um estava rodando em sentido horário, o outro também deveria estar.

Isso o deu uma ideia: se ele começasse a correr em sentido anti-horário, uma hora ele iria dar de cara com o outro vigia, que nunca iria estar esperando alguém vindo a toda velocidade no sentido contrário. Além disso, naquele escuro, com a agilidade que ele possuía, o seu adversário só iria perceber o que estava acontecendo quando estivesse no chão, prestes a desmaiar.

Aaron começou a correr a toda velocidade que a escuridão e as árvores permitiam e logo avistou o outro vigia, Jun Amata. Ela, diferentemente de Bryt, estava dentro da clareira onde ficava o acampamento, o que o obrigou a fazer uma curva em sua direção. Como Aaron previra, Jun só percebeu que ele estava ali quando era tarde demais. O soco a atingiu em cheio na mandíbula e a mandou quicando e embolando para dentro da floresta, do outro lado da clareira.

Quando estava prestes a ir atrás de Jun, o barulho de passos vindo do acampamento chamou sua atenção, fazendo com que se virasse rapidamente. Em uma espécie de fenda que existia na barricada do acampamento, feita justamente como passagem, estavam o garoto elástico, Yuri Hatake, que o olhava com raiva, Hurty Burnt, a ruiva, com o macaco em seu ombro esquerdo e Bryt Kub, sem nenhum arranhão, e, como Aaron pôde perceber, com o cilindro das moedas

preso à sua cintura.

Aaron finalmente entendeu que aquele Bryt Kub que ele derrotara era apenas umas de suas cópias, e no momento que ele o atacara, acabara com o elemento surpresa, pois o verdadeiro estava dentro do acampamento e avisou aos seus companheiros.

Estava sacando sua lança quando viu pelo canto do olho Jun Amata sair de dentro da floresta, muito maior e mais forte do que antes, como se tivesse usado aquele tempo para tomar hormônios de crescimento. Para piorar a situação, a garota trazia em sua mão direita uma espada de cavalaria que seria extremamente simples se não fosse pelo seu tamanho absurdo.

A sua lâmina de aço deveria ter cerca de um metro e oitenta de comprimento, e era larga como um daqueles antigos livros que ele era obrigado a ler na escola.

Aaron ainda tentava processar a mudança repentina da garota quando lhe veio à mente a voz de Gent “Jun Amata tem o poder de absorver energia de impacto e usá-la para melhorar seus atributos físicos”.

— Merda! — Parecia que eles haviam subestimado o grupo adversário.

Aaron voltou seu olhar para os outros três e já não eram mais três, eram vários. Bryt criara inúmeras cópias e Hurty ainda sorria para ele com o macaco no ombro. Ela fez um gesto e imediatamente a chama na cabeça do mico-leão-de-fogo cresceu. Com a mão direita, fez um movimento, passando por cima do fogo, que a acompanhou a poucos centímetros da sua pele.

O fogo se intensificou, como se ganhasse mais poder sob o comando da garota e estivesse ansioso por seu domínio.

O garoto elástico não estava em nenhum lugar para ser visto, mas Aaron não ousou tirar os olhos dos adversários a sua frente para procurar por ele. Eles pareciam estar se estudando, até que Jun partiu para o ataque.

A velocidade dela era surpreendente, mas Aaron conseguiu bloquear o ataque desferido com a sua arma. A força do golpe era imensa, aumentado pelo peso incrível da espada. Jun continuou com uma série de ataques impressionantemente rápidos e precisos para o tipo de arma que ela usava. Aaron conseguia se esquivar mas estava ficando acuado, pois não podia revidar sem que acabasse por aumentar ainda mais o poder da sua adversária.

Após mais uma rápida combinação de ataques, Jun fintou um golpe contra as pernas de Aaron e pulou, segurando sua espada acima da cabeça com as duas mãos para desferir um golpe com toda sua força, mirando o ombro do seu adversário, que percebeu a sua intenção no último segundo e acabou reagindo por reflexo.

Aaron fez um rápido movimento circular com sua lança, colocando toda a força no golpe. O impacto entre as armas fez a terra ao redor dos pés de Aaron afundar, e gerou um deslocamento de ar forte o suficiente para balançar galhos das árvores nas bordas da clareira. Por um segundo, as armas pararam no ar, disputando para ver quem teria mais força, até que a garota foi mandada para longe.

Ele sabia que acabara de cometer um grande erro, mas não tinha tempo para pensar nisso, pois uma bola de fogo enorme estava se aproximando rapidamente.

Antes que pudesse tomar qualquer atitude, o fogo pareceu bater em uma barreira invisível e se espalhar ao longo dela, só para se reagrupar

e formar uma esfera mais uma vez ao lado Hurty, que agora estava mais perto dele. Só então ele pode ver a cúpula de energia dourada brilhando levemente ao seu redor.

A ajuda chegara. Aurea estava do seu lado direito, com o braço esticado, revestido pela sua bela armadura. Os ramos da cerejeira, “esculpida” na placa de peito, estavam maiores e mais longos e as folhas brilhavam com energia. Ela olhava para ele com seus olhos dourados iluminados de concentração, sob a fraca luz emitida pelo seu campo de força.

– Você está bem?

Aaron respirou aliviado.

– Estou, mas acho que subestimamos nossos adversários. – Ele recuou para junto de Aurea.

– Não me diga... – Kvin surgiu do seu lado direito e o fez tomar um pequeno susto!

– Caralho! De onde você surgiu?

Kvin deu uma risadinha.

– Acho que você estava focado demais em outra coisa!

Kvin tinha parte do seu rosto e pescoço cobertos por uma fina camada de gelo branco, além de sua mão direita e seus olhos emitirem um leve brilho pálido. O frio dentro da cúpula de energia já começava a se intensificar.

O pequeno exército de Bryts começou a correr em direção a eles, e a energia que os protegia intensificou seu brilho. As cópias batiam

na barreira e eram repelidas com força. As que caíam de mal jeito ou repetidas vezes desapareciam no ar, só para serem substituídas por outras vindo da direção do Bryt Kub original, até que ele próprio entrou na multidão, se misturando aos outros e partindo para o ataque.

Enquanto isso, Hurty incendiava a barricada do seu próprio acampamento. Em poucos segundos, os galhos secos foram consumidos pelo fogo, e do mesmo jeito que o pequeno incêndio havia começado, ele acabou. A ruiva fez o fogo subir em direção ao céu, formando uma imensa esfera de fogo acima de sua cabeça, maior que as grandes casas que Aaron vira na capital do Império.

– Vocês não deviam ter nos dado tanto tempo. Agora, estão perdidos.

– Ela tem razão, nós temos que acabar com isso logo. Só estão ficando mais poderosos. Onde está Gent? – Aaron ainda estava tentando arrumar um jeito deles saírem daquela situação.

– Ele disse que só atrapalharia se viesse para a luta corpo a corpo. Preferiu ficar na floresta e ajudar de lá. – Kvin também tentava encontrar uma solução para derrotar os adversários.

– Pelo menos ele desenvolveu algum outro plano?

– Galera!!! – Aurea parecia estar fazendo um grande esforço para manter a barreira de energia enquanto apontava para Jun Amata, que se aproximava, assustadoramente, ainda maior e mais forte, do tamanho de um urso, caminhando na direção deles.

– Eu não vou aguentar um golpe dela e mesmo se eu aguentasse só faria ela ainda mais poderosa.

– Nós vamos fazer o seguinte: eu pego a urso, Kvin, você pega o garoto multiplicador e você a menina de fogo. Se o cara elástico aparecer, quem ele atacar fica com ele. – O filho do Lobo tinha um tom de liderança na voz.

– Certo! Aurea, quando eu mandar, você desfaz a barreira e os dois pulam para longe de mim! – Kvin parecia decidida e não deu mais explicações.

Jun começou a correr pesadamente brandindo sua espada gigante com uma facilidade impressionante.

– Preparem-se! – A luz pálida nos olhos de Kvin se intensificou, assim como o frio.

– Antes de fazer seja lá o que você está planejando, o Bryt verdadeiro é o que está com o cilindro da escola na cintura!

– Agora! – Kvin gritou poucos momentos antes de Jun acertar a barreira, fazendo-a golpear o nada com toda sua força, perdendo o equilíbrio.

Aaron e Aurea pularam para longe da sua aliada e, antes mesmo de tocar o chão de novo, Aaron viu o ar ao redor de Kvin se cristalizar enquanto ela levantava o pé direito e o batia no chão em um movimento firme. Assim que seu pé acertou o solo com força, enormes estacas de gelo surgiram a sua volta, se propagando em todas as direções.

Quando Kvin acabou, todo o chão que antes estava sendo protegido pela cúpula de energia de Aurea, estava ocupado por enormes formações de gelo afiadas como navalha. Todos os Bryt haviam desaparecido, menos um, que por “coincidência” estava com o cilindro da escola na sua cintura. O ataque dela o pegara de surpresa, e

apesar de, aparentemente, não ter nenhum ferimento fatal, vários cortes profundos podiam ser vistos, inclusive um que ia do meio da sua barriga até seu ombro esquerdo.

Jun Amata conseguira se proteger a tempo com sua espada, e olhava um pouco assustada para Kvin, perto de onde acabavam as estacas de gelo.

Sem dar tempo para seus adversários pensarem, Aaron e seus amigos atacaram: Kvin sacou seu arpão da bainha, que imediatamente foi coberto por gelo, ganhando mais envergadura e uma aparência mais agressiva. Ela partiu para cima de Bryt, que ainda não se recuperara do ataque anterior e tentava sair do emaranhado de gelo, formado pelas estacas. Kvin cobriu a distância entre os dois rapidamente e quando estava prestes a acertar o golpe final com o cabo do seu arpão, Yuri Hatake, o garoto elástico, usou o seu poder, enrolando o braço ao redor do seu aliado e o puxando para perto de si.

Yuri pousou o multiplicador ferido no chão, enquanto olhava ameaçadoramente para Kvin, que retribuiu o olhar e lhe deu um sorriso confiante. A garota começou a correr ao mesmo tempo em que criava pequenas machadinhas de gelo em sua mão esquerda e as arremessava em direção ao seu adversário.

Hatake usou seu poder para desviar dos ataques com facilidade, pegando algumas machadinhas em pleno movimento e se aproveitando das propriedades elásticas do seu corpo para arremessá-las de volta com ainda mais força e velocidade.

Kvin as destruía em pleno ar, sem sequer parar sua corrida, e em poucos segundos estava cara a cara com ele. Devido ao seu poder lhe permitir fazer, praticamente, qualquer coisa com seu corpo, Yuri

conseguia desviar dos ataques dela tranquilamente, além de usar sua elasticidade para aumentar a potência dos seus golpes.

Por mais que ela tentasse, seus ataques não acertavam o alvo. Parecia que o garoto sabia onde seria o próximo o golpe e, simplesmente, fazia seu corpo esticar de uma forma impossível, desviando.

A luta estava acirrada, com Kvin levando uma pequena vantagem, que vinha aumentando aos poucos, no entanto, em um momento de desatenção, Yuri conseguiu enroscar seu braço direito nas pernas da garota, impedindo-as de se mover.

Aproveitando a brecha, ele utilizou todo seu corpo para se enrolar nela, como uma cobra, imobilizando todos os seus movimentos e a sufocando aos poucos.

— Eu só vou apertar até ouvir alguns “cracks”. Pode ficar tranquila que eu ainda vou deixar alguns ossos inteiros, só quero te deixar tão ferida quanto você deixou Bryt.

Aos poucos, a pressão do aperto foi aumentando, tornando difícil para ela respirar. Todos os seus esforços para sair do aperto eram inúteis. Por mais força que fizesse, não conseguia se mover nem um centímetro, e aos poucos sua visão começou a escurecer.

Ao mesmo tempo, Aaron tentava manter Jun ocupada e não ser morto no processo. Tentava pensar em um jeito de derrotá-la. Mas nada vinha a sua mente, e ele sabia que não ia conseguir desviar dos ataques dela eternamente.

Enquanto isso, Aurea partia para cima de Hurty, com seu armadura-esqueleto de energia protegendo seu corpo, obrigando Hurty a criar um paredão de fogo para impedir o avanço de sua adversária.

Aurea conseguia sentir o calor absurdo, mantendo-a distante da sua adversária e freando seu avanço. Aproveitando o momento de surpresa de Aurea, Hurty fez as chamas se moverem em direção a sua adversária, a encurralando em um círculo de fogo, que se transformou em uma cúpula antes que ela conseguisse tentar pular para escapar dali.

Quando Aaron viu Aurea imergir completamente nas chamas, tentou correr para ajudá-la, mas foi impedido por um chute em suas pernas, desferido por Jun, que o fez tropeçar e cair rolando no chão junto com sua lança.

Ele conseguiu se virar a tempo de desviar do golpe da imensa espada da garota oriental, que se fincou no chão ao lado do seu ombro. Ele aproveitou a oportunidade para dar um murro com toda a sua força na arma, a mandando para longe do domínio da sua adversária. Ele sabia que não tinha muito tempo antes que Aurea fosse completamente queimada, e por isso resolveu tentar um ataque desesperado.

Ainda deitado, usou sua lança para dar uma estocada no pescoço de Jun Amata, que desviou com tranquilidade, olhando para ele sorrindo ironicamente. Contudo, Aaron já não estava mais no chão, mas atrás de Jun, segurando na base da lâmina que deveria ter acertado seu pescoço, de modo que seus dois braços e o cabo da lança formavam um triângulo com a cabeça da garota no centro.

Aaron havia retardado o movimento da estocada propositadamente, usando-o para posicionar a ponta da lança e para distrair a sua adversária. Com sua velocidade superior e a distração criada, Jun não viu ele pular para trás dela, e quando percebeu já era tarde demais. Aaron colocou o cabo da lança no pescoço da garota e o puxou em

sua direção. Jun tentou se desvencilhar, esmurrando, chutando, tentando pular, mas por mais forte que fosse, Aaron era mais.

Um pouco afastada dali, enquanto Aaron ainda derrotava a sua adversária, Kvin via sua visão escurecer cada vez mais. Era possível perceber aquele brilho branco dos seus olhos diminuir enquanto a garota era esmagada por Yuri Hatake. Ela já estava prestes a aceitar a derrota quando uma lembrança da sua infância lhe veio à cabeça: a massinha de modelar que era seu brinquedo favorito quando criança, e que seus pais a haviam ensinado a fazer antes de morrer. Porém, ela só podia brincar ao lado do fogo, pois o frio que ela própria emanava fazia as massinhas ficarem duras e quebradiças.

Kvin achou engraçado pensar naqueles tempos uma hora daquela e chegou a dar um sorriso fraco antes do estalo vir a sua mente. Era assim que ela iria derrotar Yuri Hatake. Ele cometera um grande erro ao chegar tão perto.

Kvin não pensou, o seu poder que ela tanto tentava reprimir, o poder que ela lutava todos os minutos para conter, ela deixou fluir por seu corpo e se expandir. A temperatura baixou rapidamente, chegando a níveis absurdamente baixos, e ela conseguiu sentir Yuri tentando se afastar dela desesperadamente.

O seu adversário conseguiu se desvencilhar do abraço apenas em parte, antes que fosse congelado, as partes que se solidificaram não conseguiram voltar a sua forma original, lhe dando uma aparência deformada, na qual ele mal conseguia se mexer.

— Acho que você cometeu um pequeno erro de avaliação. — Kvin pegou seu arpão do chão, e este assumiu uma forma ainda mais ameaçadoras. Os dentes da lâmina coberta de gelo cresceram, ficando

mais curvados, o cabo ficou mais longo e o arpão inteiro ganhou inscrições e desenhos de aparência anciã. Com um movimento rápido, ela o acertou na mandíbula, o fazendo perder os sentidos.

Os olhos dela brilhavam ainda mais do que antes, parecendo duas fogueiras brancas contra o escuro da noite enluarada que ia chegando ao fim.

Assim que viu que a vitória era sua, Aaron saiu correndo para onde a cúpula de fogo consumira Aurea, procurando pela causadora daquilo tudo. Hurty estava a alguns metros da barricada do acampamento, ou o que restara dela, concentrada na gigantesca esfera do seu poder.

A cúpula de fogo parecia ter parado seu caminho em direção ao chão, como se estivesse sendo bloqueada. Aquilo só podia significar que Aurea conseguira criar uma barreira de energia a tempo, mas o fogo de alguma maneira a estava impedindo de se mover.

Quando Aaron chegou a vinte metros de onde a batalha entre as duas garotas estava sendo travada, uma bola de fogo saiu voando da cúpula em sua direção, o obrigando a desviar com um pulo para o lado, e antes que pudesse achar que Hurty havia errado o alvo, o fogo mudou sua direção e voltou a persegui-lo.

O controle da ruiva sobre o seu poder era impressionante. Conseguir conter Aurea e manter Aaron à distância ao mesmo tempo era uma tarefa extremamente difícil.

Aaron tentou despistar a esfera de fogo de todas as maneiras possíveis, mas só estava conseguindo se afastar cada vez mais de Hurty. Ele sabia que a batalha acabaria logo e que qualquer uma das duas poderia ser a vencedora, porém, se Aurea perdesse, as consequências para

ela seriam horríveis.

Aaron correu para longe da cúpula, de modo que esta não bloqueasse a sua visão da garota ruiva, e sacou sua machadinha. Quando achou estar com uma linha de tiro sem obstáculos, parou de correr e arremessou a arma com toda a precisão que conseguiu, mirando o seio direito da sua adversária, e se preparando para ser atingido pelo fogo.

Já podia sentir o calor em sua pele enquanto a sua machadinha viajava com endereço certo, quando viu o esqueleto dos dedos de uma mão gigante, recobertos pela energia dourada e translúcida de Aurea sair da cúpula de fogo em direção a Hurty.

Assim como a mão esquelética apareceu, ela sumiu, levando consigo todo o fogo controlado pela garota ruiva, que jazia inconsciente no chão. Mesmo sem entender o que acontecera, Aaron respirou aliviado e correu em direção à Aurea que estava ajoelhada no centro de uma ilha de grama, rodeada por um mar de terra queimada. Aurea não sofrera nenhum ferimento, mas a cor fugira de seu rosto coberto de suor, sua boca rachara e seu semblante trazia um cansaço pouco natural.

— Você está bem?

— Estou.

— Graças aos deuses!

Aurea fez um gesto de afirmação com a cabeça, não possuindo forças para um longo diálogo.

Ele ainda não entendera como Hurty Burnt fora derrotada, afinal a

mão não a atingira, mas logo a resposta surgiu em sua frente. Gent apareceu de detrás das árvores apontando para dois objetos de metal flutuando perto da sua cabeça:

– Eu disse que eu seria mais útil estando na mata!

Aaron deu uma risada de prazer e fez um gesto para ele se aproximar. Quando o gênio chegou perto, Aaron lhe deu um abraço e falou:

– Você traduz alguém cheio de surpresas! Como fez isso?

Apesar de feliz, Gent ainda parecia preocupado:

– Uma das coisas que eu consigo criar com a gota e a esfera de tecnologia são dois tasers. – Aaron olhava para ele ofegante, como se não tivesse ideia do que ele estava falando, enquanto ajudava Aurea a se levantar. –... Eu usei esses dois pedaços de ferro para dar uma descarga elétrica grande e fazê-la desmaiar. Mas enfim, vamos pegar as moedas e dar o fora daqui antes que algum deles acorde! Cadê Kvin?

– Aqui! – A garota do norte já não estava mais com partes do corpo cobertas de gelo, e seu arpão estava na bainha. – Gent está certo, temos que dar o fora daqui logo. Já subestimamos nossos adversários uma vez, não vamos repetir o erro!

Aaron fez um gesto de concordância e falou:

– Está bem. Vou correr para pegar as moedas de Jun e volto. Enquanto isso, vocês pegam as moedas de Hurty. Comemoramos quando estivermos são e salvos no acampamento!